



1 - A CRIAÇÃO DA ROTA DA SEDA

Desde o princípio dos tempos, era no centro da Ásia que se construía os impérios. As planícies aluviais da Mesopotâmia, alimentadas pelo Tigre e pelo Eufrates, ofereciam a base da própria civilização – pois foi nesta região que as primeiras vilas e cidades ganharam forma. A agricultura sistemática desenvolveu-se na Mesopotâmia e ao longo de todo o «Crescente Fértil», uma faixa de terra altamente produtiva com acesso a água em abundância, que se estendia do Golfo Pérsico ao Mediterrâneo. Foi aqui que as primeiras leis de que há registo foram divulgadas, há cerca de 4000 anos, por Hammurabi, rei da Babilónia, que estipulou as obrigações dos seus súbditos e estabeleceu castigos severos para as suas transgressões.¹

Ainda que tenham surgido muitos reinos e impérios neste cadinho, o maior de todos foi o Império Persa. Expandindo-se rapidamente no século VI a partir de uma terra-mãe situada no actual Sul do Irão, os Persas vieram a dominar os seus vizinhos, chegaram às costas do Egeu, conquistaram o Egipto e expandiram-se para oriente até aos Himalaias. A julgar pelo historiador grego Heródoto, o seu êxito devia muito ao seu espírito aberto. «Os Persas têm grande propensão a adoptar costumes estrangeiros», escreveu ele: estavam preparados para abandonar a sua maneira de vestir sempre que concluíam que as modas de um inimigo derrotado eram superiores, levando-os a adoptar estilos de indumentárias dos Medas e dos Egípcios.²

A tolerância face a novas ideias e práticas foi um importante factor que permitiu aos Persas construir um sistema administrativo que garantia o funcionamento regular de um império que incorporava muitos povos diferentes. Uma burocracia altamente qualificada vigiava a administração eficiente da vida do dia-a-dia





do império, registando tudo, desde os pagamentos feitos a trabalhadores ao serviço da casa real até à validação da quantidade e qualidade de bens comprados e vendidos nos mercados; estavam também incumbidos de manter e reparar um sistema de estradas que cruzava o império inteiro e que era motivo de inveja para todo o mundo antigo.³

Um sistema de estradas, que ligava a costa da Ásia Menor à Babilónia, a Susa e a Persépolis, permitia que uma distância superior a 2500 quilómetros fosse percorrida numa semana, um feito visto com admiração por Heródoto, que fez notar que nem neve nem chuva nem calor nem escuridão podiam abrandar a transmissão veloz de mensagens.⁴ O investimento na agricultura e o desenvolvimento de técnicas pioneiras de irrigação no sentido de aumentar as colheitas ajudaram a alimentar o crescimento de cidades, ao permitir que populações cada vez maiores fossem sustentadas pelos campos circundantes – não apenas nas terras ricas de cultivo de um lado e do outro do Tigre e do Eufrates, mas também nos vales servidos pelos grandes rios Oxus e Iaxartes (agora conhecidos como Amy Darya e Syr Darya), bem como no delta do Nilo, após a sua captura por exércitos persas em 525 a. C. O império persa era uma terra de abundância, que ligava o Mediterrâneo ao coração da Ásia.

A Pérsia apresentava-se como um exemplo de estabilidade e justiça, como o demonstra uma inscrição trilingue gravada na face de um rochedo em Behistun. Escrita em persa, elamita e acadiano, regista que Dario, o *Grande*, um dos mais famosos líderes persas, debelou revoltas e motins, rechaçou invasões estrangeiras e não ofendeu nem os pobres nem os poderosos. Mantém seguro o país, intima a inscrição, e cuida do povo justamente, pois a justiça é o fundamento do teu reino.⁵ A tolerância em relação às minorias era lendária, sendo um governante persa designado como o «Messias», abençoado por «Deus, Senhor dos Céus», em resultado das suas políticas, que incluíram a libertação dos Judeus do seu exílio na Babilónia.⁶

O comércio singrava na antiga Pérsia, fornecendo receitas que permitiam aos governantes financiar expedições militares em localizações que garantissem ainda mais recursos ao império. Também lhes permitia ceder a gostos notoriamente extravagantes. Nas grandes cidades da Babilónia, Persépolis, Pasárgada e Susa, foram construídos edifícios espectaculares. Em Susa, o rei Dario mandou





erigir um magnífico palácio usando ébano e prata da mais alta qualidade, vindos do Egipto, bem como cedros do Líbano, ouro fino da Bactria, lápis-lazúli e cinábrio de Sogdiana, turquesas de Corásmia e marfim da Índia.⁷ Os Persas eram famosos por buscarem o prazer e, segundo Heródoto, só precisavam de ouvir falar de um novo luxo para quererem adquiri-lo.⁸

A prosperidade comercial era sustentada por um exército agressivo que ajudava a alargar as fronteiras mas que também era necessário para as defender. A Pérsia deparava-se com problemas persistentes a norte, um mundo dominado por nómadas que viviam com os seus rebanhos em pastagens semi-áridas, conhecidas como estepes, que se estendiam desde o mar Negro e atravessavam a Ásia Central até à Mongólia. Estes nómadas eram conhecidos pela sua ferocidade – dizia-se que bebiam o sangue dos seus inimigos e faziam roupas dos seus escalpes e que, em alguns casos, comiam a carne dos próprios pais. No entanto, a interacção com os nómadas era complexa, pois, apesar das descrições mais divulgadas dos nómadas como sendo caóticos e imprevisíveis, eram importantes parceiros no fornecimento de animais e, em particular, de bons cavalos. Mas os nómadas podiam ser a causa de um desastre, como quando Ciro, o Grande, o arquitecto do império persa no século VI a. C., foi morto ao tentar subjugar os Citas; a sua cabeça foi depois transportada num odre cheio de sangue, segundo um escritor, para que a sede do poder que o inspirara pudesse ser saciada.⁹

Não obstante, este foi um percalço raro, que não abrandou a expansão persa. Os comandantes gregos olhavam para oriente com uma combinação de medo e respeito, tentando aprender as tácticas persas no campo de batalha e adoptar a sua tecnologia. Autores como Ésquilo usavam os êxitos no combate aos Persas como maneira de celebrar as proezas militares e de demonstrar o favor dos deuses, comemorando a resistência heróica às várias tentativas de invadir a Grécia em peças e literatura épica.¹⁰

«Cheguei à Grécia», diz Dionísio, nas primeiras linhas d'*As baccantes*, vindo do «Oriente fabulosamente rico», um lugar onde as planícies persas são banhadas pelo sol, onde as cidades da Bactria são protegidas por muralhas e onde torres de grande beleza arquitectónica permitem vigiar as regiões costeiras. A Ásia e o Oriente eram terras que Dionísio «pôs a dançar» com os mistérios divinos, muitos antes das terras da Grécia.¹¹





*

Não havia estudante mais ávido dessas obras do que Alexandre da Macedónia. Quando subiu ao trono em 336 a. C., após o assassinio do pai, o brilhante rei Filipe, não havia dúvida sobre o rumo que o jovem general escolheria na sua busca da glória. Não olhou para a Europa por um momento, pois a Europa nada tinha a oferecer: não tinha cidades, nem cultura, nem prestígio, nem recompensas. Para Alexandre, como para todos os gregos antigos, a cultura, as ideias e as oportunidades – bem como as ameaças – vinham todas elas do oriente. Não surpreende assim que o seu olhar recaísse sobre a maior potência da Antiguidade: a Pérsia.

Após derrubar os governadores persas do Egipto num ataque relâmpago em 331 a. C., Alexandre lançou-se num assalto directo ao coração do império. O confronto decisivo ocorreu mais tarde nesse mesmo ano nas planícies poeirentas de Gaugamela, perto da cidade moderna de Erbil, no Curdistão iraquiano, onde infligiu uma espectacular derrota ao exército persa, vastamente superior, sob o comando de Dario III – talvez por se sentir repousado depois de uma boa noite de sono: segundo Plutarco, Alexandre insistiu em descansar antes de atacar o inimigo e dormiu tão profundamente que os seus comandantes, preocupados, tiveram de o sacudir para que acordasse. Vestindo o seu traje preferido, pôs um capacete fino, tão polido que «era tão brilhante quanto a mais refinada prata», agarrou uma espada de confiança com a mão direita e liderou as suas tropas numa vitória esmagadora que lhe abriu as portas de um império.¹²

Tendo por mestre Aristóteles, Alexandre fora criado sabendo que havia grandes esperanças depositadas nele. Ele não desiludiu. Depois de destroçar os exércitos persas em Gaugamela, Alexandre avançou para oriente. Cidade após cidade rendeu-se a Alexandre, à medida que ele capturava os territórios controlados pelos seus rivais derrotados. Lugares de tamanho, riqueza e beleza lendários caíram diante do jovem herói. Babilónia rendeu-se, os seus habitantes cobriram a estrada que conduzia à grande cidade com flores e guirlandas, de um lado e do outro da estrada foram colocados altares de prata carregados de olíbano e perfumes. Foram trazidas jaulas de leões e leopardos para apresentar como oferendas.¹³ Não passou muito tempo até que Alexandre e os seus homens tomassem





todos os pontos ao longo da Estrada Real, que ligava as maiores cidades da Pérsia, bem como a rede de comunicações que ligava a costa da Ásia Menor à Ásia Central.

Ainda que alguns acadêmicos modernos o vejam como não mais do que um «jovem delinquente e bêbedo», Alexandre parece ter sido particularmente sensível quando teve de lidar com os territórios e povos recentemente conquistados.¹⁴ Era muitas vezes conciliador no que tocava a crenças e práticas e religiosas locais, dando provas de tolerância e também de respeito: por exemplo, conta-se que ficou transtornado quando o túmulo de Ciro, o *Grande*, foi profanado, e não só o restaurou, como castigou aqueles que haviam conspurcado o santuário.¹⁵ Alexandre exigiu que Dario III tivesse um funeral à altura do seu estatuto e enterrou-o ao lado de outros governantes persas, depois de o seu corpo ter sido descoberto atirado em cima de uma carroça após o seu assassinio às mãos de um tenente de Alexanre.

Alexandre conseguiu também conquistar cada vez mais territórios porque estava disposto a confiar nas elites locais. «Se queremos não apenas passar pela Ásia mas mantê-la», terá ele alegadamente dito, «temos de mostrar clemência a estes povos; é a sua lealdade que fará com que o nosso império seja estável e permanente.»¹⁶ Os oficiais e as antigas elites locais foram deixados nos seus antigos cargos para que administrassem as cidades e territórios conquistados. O próprio Alexanre adoptou títulos tradicionais e usou roupas persas para assim deixar claro que aceitava os costumes locais. Fazia questão de se apresentar não tanto como um conquistador invasor, mas como o último herdeiro de um reino antigo – não obstante os brados cáusticos de todos aqueles que diziam a quem quisesse ouvir que Alexandre trouxera a miséria e alagara a terra em sangue.¹⁷

É importante recordar que muita da nossa informação sobre as campanhas, êxitos e políticas de Alexandre nos é dada por historiadores posteriores a ele, cujos relatos dos feitos do jovem general são muitas vezes idealizados e de um entusiasmo cego.¹⁸ Ainda assim, sendo necessário ver com cautela a maneira como as fontes cobrem o colapso da Pérsia, a velocidade com que Alexandre continuou a estender as fronteiras cada vez mais para oriente conta a sua própria história. Ele era um enérgico fundador de cidades, comumente dando-lhes o seu próprio nome, que agora são

